



**PARA ARGUMENTAR, BASTA COMEÇAR:
MECANISMOS DE JUNÇÃO E TRADIÇÃO DISCURSIVA
EM AQUISIÇÃO**

**IF YOU WANT TO ARGUE, JUST BEGIN:
LINKING MECHANISMS AND THE DISCURSIVE TRADITION
IN ACQUISITION**

Lúcia Regiane Lopes-Damasio¹

Resumo: Neste trabalho, com o objetivo de responder à pergunta: quais indícios de natureza linguístico-discursiva podem ser observados entre o funcionamento dos mecanismos de junção e a aquisição da tradição discursiva argumentativa no modo escrito de enunciação?, observo a tradição discursiva argumentativa no contexto de aquisição do modo escrito de enunciar, a partir de uma descrição analítica do funcionamento dos mecanismos de junção, em um espaço teórico construído a partir do diálogo entre os conceitos de tradição discursiva (TD) (KABATEK, 2005); heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004); aquisição da escrita (LEMOS, 1998); e mecanismos de junção (RAIBLE, 2001). Foram analisados 60 textos produzidos por alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, numa abordagem quantitativo-qualitativa, e alcançados resultados relativos: (i) à descrição da funcionalidade dos MJs, no contexto investigado; (ii) à análise do caráter sintomático dos MJs enquanto marcas da relação oral/falado e letrado/escrito; e (iii) à discussão sobre as relações entre MJs e a aquisição da TD argumentativa na escrita. Tais resultados mostraram que *transformação* e *mudança* operam-se no funcionamento simbólico da língua por meio da movimentação, no processo de subjetivação, que, concomitantemente, atinge as formas táticas dessa língua e os sentidos que nela se constituem.

Palavras-chave: escrita infantil; junção; tradição discursiva.

Abstract: This study aims to answer the question: What linguistic and discursive evidence can be found in the way linking mechanisms work and the way the argumentative discourse tradition is acquired in the written mode? To do so, it makes an analytical description of the way linking mechanisms operate within a theoretical space that draws on concepts from the discursive tradition (KABATEK, 2005), the heterogeneity of writing (CORRÊA, 2004), writing acquisition (LEMOS, 1998), and linking mechanisms (RAIBLE, 2001). Sixty texts written by students from pre-school through 4th grade were analyzed using a mixed-methods approach, yielding the following results: (i) description of the functionality of the linking mechanisms in the context in question; (ii) analysis of the symptomatic nature of linking mechanisms as oral/spoken vs. literate/written markers; and (iii) discussion about the relationships between linking mechanisms and acquisition of the argumentative discourse tradition in writing. These results show that transformation and change take place in the symbolic functioning of language through movement and in the subjectification process, which concomitantly affects the tactical forms of language and the meanings established therein.

Keywords: children's writing; junction; discursive tradition.

¹ Professora Assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, SP Brasil. luciaregiane@bol.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9058-3566>

1. INTRODUÇÃO

A produção e a atribuição de sentidos se dão na articulação entre elementos da língua e práticas sociais – orais e letradas –, enquanto planos essenciais da linguagem (CHACON, 2021). Dessa forma, a abordagem dos atos de fala e de escrita configura-se como uma abordagem linguístico-discursiva. A partir desse lugar de observação, neste trabalho, o olhar para a escrita infantil é atravessado pela pergunta: quais indícios de natureza linguístico-discursiva podem ser observados entre o funcionamento dos mecanismos de junção² e a aquisição da tradição discursiva³ argumentativa no modo escrito de enunciação?

Para responder a essa questão, proponho a construção de um lugar teórico-metodológico,⁴ que conjuga aspectos linguísticos a discursivos, para o reconhecimento, na escrita, de *rastros* da movimentação do sujeito para a construção dos sentidos no texto. Duas ideias estão na base da construção desse lugar de investigação: (i) a de movimentação do sujeito (LEMOS, 1998); e (ii) a de que os *rastros* dessa movimentação podem se configurar em *espaços de junção*, reconhecidos por meio do funcionamento de técnicas juntivas, tomadas como aspecto sintomático da tradição discursiva em que o texto se insere (LOPES-DAMASIO, 2019).

Para delimitar essas ideias, apresento, na seção seguinte, as concepções de aquisição da escrita e de heterogeneidade da escrita, de tradição discursiva (TD) argumentativa e de junção.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ideia de movimentação do sujeito, conforme Lemos (1998), pressupõe *transformação* e *mudança* que se operam na relação entre sujeito e objeto como efeitos do funcionamento simbólico da linguagem, de modo que, a cada ato/acontecimento de escrita, há um refazer dessa relação e não um sujeito que se apropria de um objeto, estável e esgotável, em um determinado momento do processo.⁵ Reconheço com a autora que: (i) a transformação operada pela escrita torna o sujeito capaz de escrever e incapaz de subtrair-se aos efeitos dessa escrita; e (ii) não é possível que esse sujeito, uma vez operada a transformação, conceba a escrita, novamente, a partir de uma relação *opaca* com os sinais que se lhe apresentam, agora, como *transparentes*.

Com a projeção, sobre o sujeito que não sabe escrever, de sua própria visão de sujeito alfabetizado, este fica impedido de ver os indícios de um momento particular de uma relação também particular entre aquele e a (sua) escrita. Qualquer metodologia deve propor-se a operar a suspensão da transparência, segundo a autora, a partir de

² Técnicas usadas para juntar porções textuais (RAIBLE, 2001), a saber: conjunções, advérbios, preposições, locuções preposicionais ou adverbiais, zero e outras possibilidades não-convencionais.

³ Genericamente definida como modelos textuais que integram a memória de sujeitos, podendo corresponder a gêneros discursivos, tipos textuais e construções linguísticas (KABATEK, 2005).

⁴ Para isso, lanço mão de um modelo funcionalista de junção (RAIBLE, 2001; KORTMANN, 1997, HALLIDAY, 1985), de uma base teórica que entende a escrita como constitutivamente heterogênea e como modo de enunciação (CORRÊA, 2004) e de uma concepção de aquisição desse modo de enunciar que considera as tradições discursivas (KABATEK, 2005). Não se trata, pois, de “lançar mão” para propor uma colcha teórica com costuras forçadas e que se limite a extrair de cada quadro aquilo que seja favorável às explicações do analista, mas, sim de propor um diálogo que, por ser crítico, possibilita a construção de um lugar (outro), favorecido pelo que os dados exigem do analista e não o contrário.

⁵ Nesse sentido, a aquisição da escrita alinha-se à heterogeneidade linguística e à subjetivação (CORRÊA, 2004; LEMOS, 1998).

interrogações sobre o que é aprender (escrever), o que é ensinar (escrever) e o que um tem a ver com o outro quando esse jogo simbólico focaliza a transformação “opacidade-transparência” e, assim, deve propor-se a reconhecer o entendimento de que não há nada, na escrita, que aponta para a oralidade⁶ que ela representa para o alfabetizado.

Retomando Lemos (1998), com a adoção do termo *transformação*, afastamo-me da ideia de desenvolvimento de um sujeito que constrói e domina um objeto, enquanto objeto de conhecimento, e aproximo-me da ideia de *mudança* de um sujeito que se movimenta no funcionamento simbólico da língua e cuja movimentação torna-se efeito e, ao mesmo tempo, causa desse funcionamento e de sua própria constituição enquanto sujeito. Nesse espaço de *transformação/mudança*, torna-se necessário definir o entendimento de *sujeito*, de *outro* e de *língua*, para a proposição de uma forma de olhar para os *rastros*, na relação sujeito-outro-língua, estabelecida na escrita em aquisição.

Como em Lopes-Damasio (2019), o sujeito é entendido de forma histórica, regulado pela linguagem – também historicamente constituída – e pelo *outro*. O outro interpela e afeta o sujeito, assim como é interpelado e afetado por esse processo. De acordo com Corrêa (2004, p. 15-16), o sujeito é considerado, portanto, como *individuação* dialógica, uma vez que se constitui nessa relação linguagem-*outro*. Há, assim, um distanciamento radical da ideia de sujeito indivíduo, a partir do pressuposto de que não é a singularidade factual que enuncia, e um distanciamento relativo da ideia de sujeito assujeitado, a partir do pressuposto de que o sujeito é constituído pelo *outro*. O resultado desse jogo de distanciamentos não é um assujeitamento parcial, mas uma noção de sujeito que é constituído pelo outro, marcado, portanto, pela heterogeneidade e pelo funcionamento da língua (CORRÊA, 2004, p. 15-16).

Essa heterogeneidade constitui a escrita (assim como a fala) e, segundo Corrêa (2004, p. 10-12), pode ser observada a partir de três eixos. O primeiro eixo refere-se à apropriação da escrita como representação da oralidade e diz respeito aos momentos em que o escrevente iguala os modos falado e escrito de realização da linguagem verbal, numa recuperação imaginária do modo de constituição da escrita em sua suposta gênese. O segundo eixo, concebido de forma inversa ao primeiro, caracteriza-se pela apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado, tomado como processo (sujeito aos movimentos da história e da sociedade) de fixação metalinguística da escrita pelas várias instituições – dentre elas a escola, instância sócio-histórica focalizada neste trabalho. O terceiro eixo caracteriza-se pela dialogia entre o já falado-ouvido e escrito-lido, por meio da qual o escrevente, embora aceite a sua escrita como ato inaugural, se

⁶ Uma consequência da abordagem linguístico-discursiva, baseada na adoção de uma perspectiva em que a produção e atribuição de sentidos se dão nas diferentes articulações entre os elementos da língua e as práticas sociais (orais e letradas), é que, nessa perspectiva, fala e escrita são reconhecidas como atos enunciativos cuja materialidade linguística resulta da inserção do falante em determinada(s) prática(s) de oralidade e de letramento, respectivamente, enquanto prática(s) discursiva(s). Resulta daí que fala e oralidade não são tomadas como sinônimas, assim como também não o são escrita e letramento: enquanto a fala e a escrita correspondem a atos enunciativos concretos, em que emergem produtos linguísticos (sob a forma de enunciados) de uma prática de oralidade e de uma prática de letramento, respectivamente, a oralidade e o letramento correspondem à diversidade dessas práticas discursivas que regulam a produção e a circulação dos enunciados falados e escritos (CHACON, 2021). A consequência última da adoção dessa perspectiva é a aceitação, conforme Chacon (2021), de que a constituição como falante e como escrevente do sujeito pela linguagem se dá pelo seu atravessamento simultâneo por diferentes práticas de oralidade e de letramento e de que, portanto, o produto linguístico dessas práticas, nos enunciados falados e escritos (com especial atenção, neste trabalho, para os escritos), jamais é puro, ou seja, fala e escrita seriam constitutivamente heterogêneas (CORRÊA, 2004), tal como será explicitado ainda nesta fundamentação teórica. Neste trabalho, o desafio é construir uma via de compreensão do papel das práticas discursivas orais e letradas na construção das relações entre o sujeito e sua escrita (em aquisição), sob o viés aberto pela tarefa de suspensão da transparência da linguagem.

sujeita às suas experiências orais e letradas, via fala e escrita, e, conseqüentemente, à emergência incontrollável da heterogeneidade das práticas sociais.

Os três eixos dialogam entre si, mas assumem estatutos distintos em relação à linguagem. Se, conforme Corrêa (2004), a escrita-*processo* regula-se pela circulação do escrevente por esses espaços de observação, ao mesmo tempo em que deve ser reconhecida a relação de oposição e complementariedade entre os dois primeiros eixos, o terceiro eixo deve ser reconhecido como aquele que dirige esse movimento, porque se refere ao caráter de réplica da linguagem, ao dialogismo, de modo geral, a que associa, neste e em outros trabalhos (LOPES-DAMASIO, 2020, 2019), o conceito de TD, a partir de um diálogo com a proposta de Kabatek (2005, entre outros), fundamentado no entendimento de que a linguagem não possui caráter de *produto acabado*, mas de *modos de fazer em processo* (COSERIU, 1982).⁷

A proposta coseriana de língua, concreta e histórica, prevê três níveis linguísticos: (i) universal, em que a linguagem é tomada como atividade do falar enquanto fato genericamente humano; (ii) histórico, em que é considerada como língua e suas variedades particulares; e (iii) atual ou individual, em que se assume como ato linguístico de um indivíduo específico, numa situação específica (COSERIU, 1981). Neste trabalho, essa proposta deve ser compreendida a partir do entendimento de que: (a) só existe história no nível atual, tal como só existe história porque o ato linguístico nunca é individual; e (b) só existe nível atual subjacente à concepção de sujeito da linguagem não como indivíduo, mas como individuação, de acordo com a hipótese da circulação dialógica e histórica do sujeito que, portanto, só possui individualidade em relação ao conceito de dialogia (CORRÊA, 2004, p. 14-15).

Na linha de Kabatek (2005), uma TD pode se formar a partir de qualquer elemento, formal ou de conteúdo, cuja re-evocação estabelece uma ligação entre atualização e tradição. Assim, a TD assume valor de signo, porque é significável, e é reconhecida por meio de outros signos que podem extrapolar os limites textuais. Nessa linha, ganha destaque o diálogo entre TD, o já-dito, o que se diz e o(s) projeto(s) de dizer em conformidade com a novidade do acontecimento discursivo. O diálogo com a proposta de Kabatek (2005) permite reconhecer, por fim, que:

a expressão *tradição* estará relacionada à *historicidade*, abarcando textos e fórmulas/expressões que caracterizam gêneros institucionalizados e atos de fala fundamentais; e estará relacionada à *experiência*, no sentido do já sabido dessas relações. A expressão *discursiva* estará relacionada não só à qualificação das tradições como *linguísticas*, a fim de abarcar todo tipo de tradição do falar/escrever, conforme Kabatek (2005), mas também à qualificação das tradições como *acontecimento*, que guarda, a cada realização, uma novidade dada no modo como se realiza aquela prática (LOPES-DAMASIO, 2019, p. 8).

A argumentação, nas tradições de argumentar, será entendida – a partir de um diálogo que se inicia em Ducrot (1989), mas que, por fim, se afasta dele – como uma ilusão construída pela linguagem, com base na pressuposição de que é o encadeamento que possibilita a sua instauração, dado que um argumento só se constitui como argumento na relação que estabelece com uma conclusão, que, por sua vez, só se constitui como conclusão na relação que estabelece com um argumento. Neste trabalho, interessam os encadeamentos argumentativos promovidos em relações do tipo $x MJ y$, podendo o zero (\emptyset) corresponder a um MJ.

Nesses termos, a ideia de *individuação do sujeito*, apresentada anteriormente, deve ser estendida à forma de se abordar as pistas linguísticas deixadas por esse sujeito

⁷ Para além de Coseriu, reconheço que o texto constitui-se no processo de textualização, caracterizado como *acontecimento*, cujo acabamento se dá na relação falante/ouvinte, autor/leitor (cf. CORRÊA, 2007).

na (sua) escrita. Trata-se, assim, de adotar também a *individuação dos rastros* desse sujeito, enquanto um modo de apreender a sua constituição em pistas linguísticas locais. Entendidos como sintomas da escrita-processo, os *rastros* não podem ser tomados enquanto sinônimos de categorias linguísticas previamente estabelecidas, mas enquanto indícios que, no interior do texto, sinalizam o seu processo de textualização (cf. CORRÊA, 2004, p. 29). Nessa direção, os fragmentos de escrita, nos termos de Lemos (1998), em intrínseca associação às práticas discursivas orais e letradas por que o sujeito (criança) circula, são ressignificados, dando-se a perceber a esse sujeito em outros de seus aspectos gráficos – porque distintos daqueles a que se dão a perceber ao adulto alfabetizado – e em outros de seus aspectos discursivos, porque o argumento do outro se torna o argumento do eu.⁸

Proponho, portanto, que se reconheçam as características textuais de TDs distintas como sintomaticamente⁹ associadas à utilização de formas de junção, a partir de um arranjo complexo de predominâncias, alternâncias e/ou exclusões de MJs, tomados, conforme anunciado, fora do quadro de generalizações que frequentemente acompanha as análises dessas e outras categorias linguísticas. Trata-se, pois, de olhar a junção a partir de uma perspectiva que a enxerga como *rastro* “específico” de uma relação também específica entre sujeito e linguagem/escrita, e que permite observá-la sem perder de vista o ponto em que ocorre, ou seja, em intrínseca e constitutiva relação com o que chamo de *espaço de junção* (LOPES-DAMASIO, 2019).

A concepção de *espaço de junção* está fundamentada, portanto, na *especificidade* proposta por Veyne (1971, p. 48 apud CORRÊA, 2007, p. 206), que considera o particular e o geral da singularidade histórica. Isso significa que as *junções* e os *espaços de junção* podem ser vistos como recursos textuais de verticalização no tempo, numa operação que sinaliza retroativamente certas regularidades linguísticas, construindo uma atualidade de sentido e antecipando, prospectivamente, outras possibilidades de ocorrência. Trata-se, assim, de um modo de observação que se propõe à conjugação teórico-metodológica de aspectos linguísticos e discursivos, relacionados à movimentação do sujeito para a construção dos sentidos nos encadeamentos (argumentativos) que constituem uma tradição (argumentativa).¹⁰

Reconhecidos em sua dimensão discursiva, a dimensão linguística dos MJs será apreendida a partir de uma abordagem bidimensional (RAIBLE, 2001; HALLIDAY, 1985), em que se entrecruzam dois eixos, o vertical e o horizontal. No eixo vertical, distribuem-se as possibilidades táticas, em *parataxe* e *hipotaxe*, conforme proposta de Halliday (1985).¹¹ A *parataxe* (P) caracteriza-se pela independência dos enunciados que formam o complexo, de modo que, no encadeamento *x MJ y*, *x* mantém sua independência em relação a *y* e vice-versa, numa ordenação prioritariamente fixa (como em *João saiu. Estava passando mal*). A *hipotaxe* (H) caracteriza-se, por sua vez, pela (inter)dependência

⁸ Admito, pois, que os sujeitos incorporam argumentos do outro, a partir da não exterioridade do outro no discurso do eu (cf. LEMOS, 1998). Nesse processo de incorporação, ressignificam-se não apenas os enunciados que assumem os espaços de *x* e *y*, mas também a própria natureza da junção e do MJ.

⁹ Em Kabatek (2005), os MJs são aspectos “sintomáticos” – para usar o termo do autor – de uma TD. Neste trabalho, “sintomático” significa que esses mecanismos “indicam” uma TD. Considerada essa observação, não se trata, aqui, de uma hipótese, mas de um pressuposto teórico-metodológico.

¹⁰ Nesse funcionamento discursivo, que se sobrepõe ao estritamente linguístico, os sentidos (e não os significados pré-estabelecidos, estabilizados e categorizados) emergem nos encadeamentos, em espaços de junção, como resultado da relação sujeito-outro-língua. É esse entendimento que afasta a proposta deste trabalho daquela recuperada a partir de Ducrot (1989).

¹¹ Na linha desse autor, os processos de *encaixamento* não serão considerados porque, neles, não há a emergência de sentidos do tipo *aditivo*, *temporal*, *causal*, *condicional* etc., por se tratar de um processo de *constituição* e não de *relação* entre orações.

dos enunciados que formam o complexo, de modo que, no encadeamento $x MJ y$, x não é independente de y , assumindo estatuto de dependente/modificadora de y , que, por seu turno, assume o estatuto de nuclear, e vice-versa, numa ordenação prioritariamente livre (como em *Quando estava passando mal, João saiu/João saiu quando estava passando mal*).

No eixo horizontal, distribuem-se as possibilidades de relações semânticas de acordo com um crescente de complexidade cognitiva e com o caráter unidirecional de parentescos semânticos, conforme trabalhos como o de Kortmann (1997), na perspectiva filogenética,¹² voltados ao exame da mudança semântica e que apontam uma relação de derivação entre as categorias de *espaço* e *modo* em direção a *tempo* e a *causa, condição, contraste* e *concessão* (CCCC); e, de modo mais recorrente, entre as categorias de *tempo* e CCCC. Além dessas relações semânticas, considero também a de *adição*, configurada como aquela mais concreta, a partir da qual podem se efetivar todas as outras, a depender de aspectos pragmático-discursivos.

3. O MATERIAL E A METODOLOGIA

Foram analisados 60 textos produzidos por alunos matriculados, em 2017, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (EF) – doze textos de cada ano –, na EMEIF “João de Castro” (Assis-SP). Esses textos, coletados durante o Projeto de Extensão *Para argumentar, basta começar*, realizado nesse mesmo ano, foram produzidos por sujeitos que experimentavam a aquisição da escrita e a própria escrita como um espaço (novo) para argumentar, antes de serem expostos às TDs argumentativas escritas nas/pelas práticas discursivas escolares, uma vez que a argumentação é alvo de trabalho pedagógico apenas nos últimos anos do EF, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Para isso, no contexto do Projeto mencionado, os sujeitos foram envolvidos por propostas que lhes deram condições de argumentar, apoiando-se única e exclusivamente em suas práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas.¹³

Metodologicamente, conjugo as abordagens quantitativa e qualitativa, em três etapas distintas, mas inter-relacionadas:

Etapla (1) – descrição da funcionalidade dos MJs em aquisição da TD argumentativa a partir de uma abordagem bidimensional: para isso, focalizo as relações semânticas – de acordo com a escala de complexidade cognitiva crescente, no eixo horizontal – e a interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa – de acordo com as arquiteturas paratática e hipotática, no eixo vertical;

Etapla (2) – análise do caráter sintomático dos MJs enquanto marcas do oral/falado e letrado/escrito: para isso, busco indícios da relação entre o comportamento da junção, nos

¹² Ao adotar esse esquema que propõe uma dinâmica unidirecional de relações semânticas que se constituem em fonte e alvo, numa perspectiva filogenética, não estou considerando que a perspectiva ontogenética se espelhe e reproduza o que naquela se vê, mas propondo uma observação das relações aí apresentadas de modo a constatar o seu papel na/para a movimentação do sujeito na construção dos sentidos do (seu) texto e para a sua própria constituição enquanto sujeito.

¹³ As propostas de produção textual foram realizadas em oficinas pedagógicas, mediadas pela leitura participativa, discussão e interpretação coletiva. Para motivar a reflexão e o debate sobre os temas abordados, sempre muito próximos da realidade e faixa etária dos alunos, tais como amizade, violência, respeito etc. (temas dos textos que serão analisados neste artigo), foram realizadas atividades distintas, como teatros de fantoches, relatos de experiências, exibição de vídeos, de documentários, curtas-metragens, interpretação de letras de música, contação de histórias, realização de experiências, dinâmicas etc. De modo geral, os enunciados que instigaram a escrita, objetivaram, em todos os casos, a produção de textos em que os alunos, enquanto sujeitos de sua escrita, pudessem expor e defender suas opiniões, de acordo com as (suas) imagens da argumentação, enquanto prática discursiva oral/letrada.

espaços de junção, e a heterogeneidade da escrita, partindo dos resultados da etapa (1), de modo a propor uma interpretação analítica dos *rastros* da circulação dos sujeitos por dois eixos propostos por Corrêa (2004) – o primeiro, da gênese da escrita; e o segundo, do código escrito institucionalizado; e

Etapa (3) – discussão sobre as relações entre MJs e aquisição da TD argumentativa na escrita: para isso, proponho, a partir dos resultados das etapas anteriores, focalizar os *rastros* da circulação dos sujeitos pelo terceiro eixo de Corrêa (2004) – o da dialogia com o já falado/ouvido escrito/lido, em relação com a teoria das TDs.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os Gráficos 1 e 2 sintetizam os resultados da Etapa (1) de descrição da funcionalidade dos MJs em aquisição da TD argumentativa escrita:

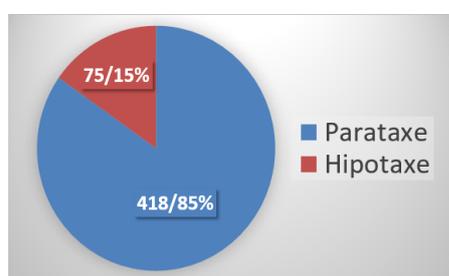


Gráfico 1 - Frequência: eixo vertical.

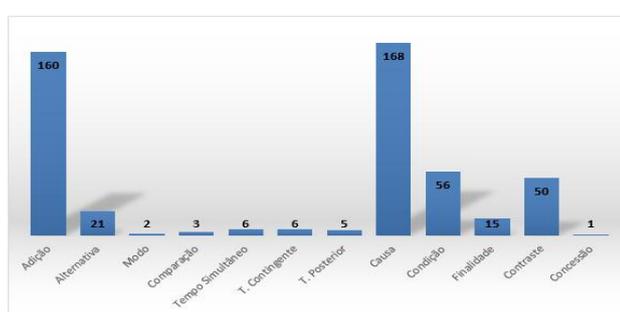


Gráfico 2 - Frequência: eixo horizontal.

Foi reconhecido um total de 493 MJs, dentre os quais 418 (85%) correspondem a casos de P e 75 (15%), de H, conforme Gráfico 1. No Gráfico 2, destaco os sentidos mais recorrentes nos textos investigados: *causa* (168/34%), *adição* (160/32%), *condição* (56/11%) e *contraste* (50/10%). Para completar essas informações, a Tabela 1 apresenta os usos mais frequentes de MJs, do 1º ao 5º ano do EF:

Ano (A) / Token (T)	Eixo Horizontal	Eixo Vertical	Ano (A) / Token (T)	Eixo Horizontal	Eixo Vertical
1º Ano T: 31 (7%)	Adição(21/68%)	P (21/100%)	3º Ano T: 121 (24%)	Causa (45/37%)	P (45/100%)
	Causa (10/32%)	P (10/100%)		Condição (28/23%)	H (23/82%)
2º Ano T:71 (14%)	Adição (26/37%)	P (26/100%)	4º Ano T: 134 (27%)	Adição (27/22%)	P (27/100%)
	Causa (20/28%)	H (1/5%)		Adição (50/37%)	P (50/100%)
	Condição(9/13%)	P (1/11%) H (8/89%)		Causa (37/28%)	H (2/5%)
5º Ano T: 136 (28%)			5º Ano T: 136 (28%)	Contraste (17/13%)	P (17/100%)
				Causa (59/44%)	P (56/95%) H (3/5%)
				Adição (36/26%)	P (35/97%) H (1/3%)
			Contraste (17/12%)	P (17/100%)	

Tabela 1- Frequência *token* e *type* dos MJs do 1º ao 5º ano do EF.

Chamo a atenção para o uso crescente de MJs nos textos do 1º ao 5º ano, bem como para o aumento mais expressivo desse uso (do 2º ao 3º ano (10%)), e para os

aumentos menos expressivos (do 3º ao 4º (3%) e do 4º ao 5º anos (1%)). Quanto aos sentidos observados nos textos de cada ano, identifica-se uma ampliação de dois, no 1º ano (*adição* e *causa*), para três, constatados nos demais anos (*adição*, *causa* e *condição*, no 2º e 3º ano, e *adição*, *causa* e *contraste*, no 4º e 5º ano).

De acordo com os resultados da Tabela 1, embora haja alternâncias, os mesmos sentidos estão presentes nos textos ao longo dos anos investigados. Esses sentidos, no entanto, constituem-se em movimentos que podem ser descritos como trânsitos semânticos, a saber: *adição* > *causa* e *adição* > *contraste*, em (1a) e (1b); *tempo* > *contraste* e *tempo* > *condição*, em (2a) e (2b) e, por fim, *causa* > *condição*, em (3).

- (1) (a) AMAR O AMIGO E A AMIGA Ø TODOMUNDO TEN QUEISEN AMIGOS [E1/1A/P1]
(b) TEMOS OLHAR POR FORA E POR DENTRO NÃO SO OLHAR POR FORA OS DEFEITOS DO PROSEMO E SIM O CORAÇÃO E O QUE ESTAO SENTINDO NA ALMA [E3/4A/P3]

Em (1a), extraído de texto escrito por um sujeito do 1º ano, destaco a ocorrência de *justaposição* com o sentido mais concreto de *adição*, a partir do qual é possível inferir *causa* em um esquema “asserção/explicação”: afirma-se que se deve “amar o amigo e a amiga” e, em seguida, explica-se o porquê dessa afirmação: “[porque] *todo mundo tem que ser amigo*”. Em (1b), extraído de texto escrito por um sujeito do 4º ano, ilustro uma ocorrência de trânsito semântico em que o MJ *e* é usado com sentido mais concreto de *adição*, permitindo a inferência de *contraste*, graças ao contexto, marcado pela oposição “não x sim”, “fora x coração” (equivalente a interior/dentro).

- (2) (a) “AGORA EU VOU FALA DO RESPEITO” [E3/5A/P1]
(b) “POR EXEMPLO, QUANDO MUITA GENTE COMETE BULLYING VOCÊ CORRE O RISCO DE SER MAL TRATADO” [E2/3A/P2]

Em (2a), extraído de texto escrito por um sujeito do 5º ano, o MJ *agora*, usado com o sentido mais concreto de *tempo simultâneo*, permite a inferência do sentido mais abstrato de *contraste*, a partir da avaliação do sujeito, em oposição, entre o “antes” e o “agora”, dentro de sua exposição. Em (2b), extraído de texto escrito por um sujeito do 3º ano, pode-se observar o uso do MJ *quando* em contexto que, além do sentido mais concreto de *tempo contingente* (“[sempre que] *muita gente comete bullying, você corre o risco de ser maltratado*”), permite inferir o sentido de *condição* (“[se] *muita gente comete bullying, você corre o risco de ser maltratado*”).

- (3) OS AMIGOS TRASEM FELICIDADE Ø PAZ E AMOR PORQUE AGEMTE NÃO BRIGA E PORQUE A GEMTE BRINCA [E1/2A/P1]

Em (3), extraído de texto escrito por sujeito do 2º ano, o MJ *porque*, com o sentido de *causa*, permite que seja inferido o sentido mais abstrato de *condição*, como mostra a paráfrase: “*os amigos trazem felicidade, paz e amor, se a gente não briga*”.

Essas ocorrências de trânsito semântico exemplificam os *rastros* da movimentação do sujeito para a construção dos sentidos do texto, em que a categoria linguística não é previamente estabelecida em relação ao próprio texto. Nesse sentido, destaco (3), em que a ocorrência da condição, na parataxe, no contexto de trânsito semântico, tal como o descrito, não corresponde sequer ao espaço sintático ocupado, nas categorizações tradicionais, por essa acepção.

Dessa forma, o resultado da análise dos textos do 1º ao 5º ano mostra uma coerência: (i) dos sentidos que integram os enunciados complexos nos textos que constituem a aquisição da tradição de argumentar; e também (ii) dos trânsitos semânticos,

tomados, aqui, como indícios dos movimentos do sujeito para a construção dos sentidos no processo de textualização.

Os resultados da Etapa (2) são apresentados na Tabela 2:

Ano	MJs/Eixo 1 – freq. type	Token	MJs/Eixo 2 – freq. type	Token
1º	Ø (5/55%); porque (4/44%)	9 (4%)	e (1/100%)	1 (1%)
2º	Ø (9/24%); e (11/29%); porque (4/11%); para (3/8%); por causa que (1/3%); quando (8/21%); também (1/3%); as vezes (1/3%)	38 (17%)	e (3/37%); se (1/14%); ou (2/28%); Ø (2/28%)	8 (11%)
3º	para (5/8%); e (10/16%); tipo (4/6%); Ø (7/11%); então (6/9%); invés de (1/2%); quando (8/13%); aí (6/10%); se (7/11%); mas (8/13%)	62 (28%)	Ø (9/45%); se (4/20%); ou (5/25%); se não (2/10%)	20 (29%)
4º	por isso (2/4%); Ø (10/20%); tipo (3/6%); e (7/14%); então (5/10%); igual (2/4%); depois (2/4%); agora (1/2%); quando (6/12%); do que (1/2%); às vezes (1/2%); também (2/4%); para (7/14%)	49 (22%)	se (4/21%); ou (5/26%); mas (7/37%); não só... e sim também (1/5%); não (10%)	19 (27%)
5º	tipo (6/9%); Ø (9/14%); para (6/9%); por isso (2/3%); agora (5/8%); e (7/11%); quando (5/6%); depois (4/5%); por causa que (2/3%); já (2/3%); porque (5/6%); e também (1/1%); então (8/12%); por causa disso (1/1%); de ves (2/3%)	66 (29%)	porque (32%); mas (6/30%); exemplo (1); se (5/25%); apesar de (1/4%); gerúndio (1/4%); além de... também (4%)	22 (32%)
		Total: 224 (100%)	Total: 70 (100%)	

Tabela 2 – MJs e Eixos 1 e 2.

As relações com o eixo (1) – da gênese da escrita – mostram-se indicadas em 224 ocorrências de MJs no *corpus*. Em (4), destaco, dentre as ocorrências apresentadas na Tabela 2, um exemplo de MJ que indicia a circulação do sujeito pelo eixo da gênese da escrita, caracterizando uma forma de apropriação da escrita como representação da fala: o MJ *tipo* indicia TDs que circulam em práticas orais, nos contextos urbano e informal. Esse junctor exerce função *aditiva*, na parataxe, dentro do esquema de elaboração, ou seja, sinalizando a inserção de enunciados que atendem a uma exemplificação, conforme Halliday (1985):

(4) **TIPO** VOCÊ BATE NO AMIGO E VOCÊ DEPOIS VOCÊ FALA QUE NÃO FOI VOCÊ AI QUEM LEVA A BRONCA É O OUTRO AMIGO. [E3/3A/P3]

A Tabela 2 mostra o aumento de 25% (de 4%, no 1º ano, para 29% no 5º) dos MJs que, com distintos sentidos – dos mais concretos, como o aditivo, até os mais abstratos, como o concessivo –, indiciam a circulação dos escreventes pelo eixo (1). MJs como *justaposição* e *e*, constatados nos textos de todos os anos investigados, associam-se ao primeiro eixo quando funcionam como um *gesto* do sujeito que aponta para o contexto enunciativo, numa relação de compartilhamento de conhecimentos com o seu outro/destinatário/leitor, sustentada pela crença no fato de que o contexto de produção de seu enunciado está *plasmado em sua escrita* (cf. CAPRISTANO; OLIVEIRA, 2013; CORRÊA, 2004), da mesma forma que ocorre na produção *online* de eventos falados em práticas orais, como, por exemplo, a conversação espontânea. Assim, o sujeito junta as orações, colocando-as lado a lado ou usando *e*, e deixa de mostrar, por meio desses *rastros*, nos espaços de junção que ocupam, diferentes sentidos, frequentemente mais

abstratos, para além da simples adição. Esses sentidos ficam, pois, sob a condição de inferências de trânsitos semânticos e na dependência de uma soma de indícios de natureza linguístico-discursiva.

A associação dos usos de MJs com sentidos mais abstratos (como os *causais* e *concessivos*, por exemplo) ao eixo (1) deve-se à forma como se materializam: (i) em contextos de escrita não-convencional, que indiciam aspectos de práticas orais características do modo de enunciação falado (como, por exemplo, os usos concessivos de *invés de*); ou (ii) em contextos de escrita convencional, caracterizados por usos prototípicos, ou seja, regulares em termos semânticos (como, por exemplo, os usos causais de *porque*). Trata-se, em ambos os tipos de materialização, de marcas da heterogeneidade da escrita porque mostram, na materialidade do texto escrito, sua relação com a fala/oralidade.

As relações com o eixo (2) – do código escrito institucionalizado – foram observadas em 70 ocorrências. Em (5), destaque, dentre as ocorrências apresentadas na Tabela 2, um exemplo de MJ que indicia a circulação do sujeito pelo segundo eixo, ou seja, por aquilo que imagina ser o modo já autônomo de representação linguística, caracterizado como um alçamento aos discursos institucionais estabilizados: o uso de *ou*, com acepção prototípica de *alternativa*, no contexto convencional dessa acepção, configura um *rastro* dessa natureza, inclusive indiciando, em “machucado(a)”, a atenção do sujeito voltada às possibilidades de concordância nominal:

(5) AS PESSOAS SÃO MORTAS OU MACHUCADO (A) [E2/3A/P3]

Proponho uma comparação dos resultados da análise dos eixos 1 e 2 a partir dos dados dos textos do 1º ao 5º ano do EF e do Gráfico 2:

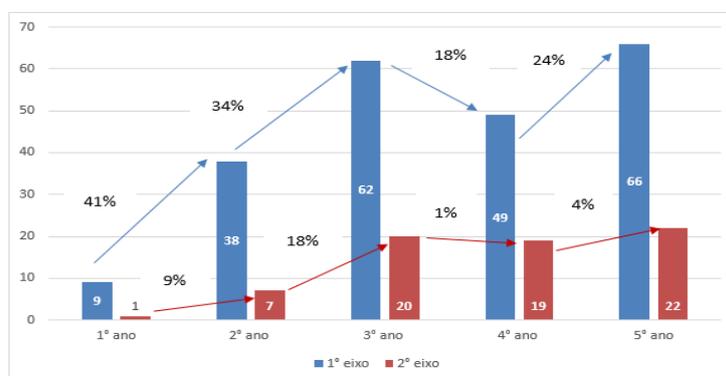


Gráfico 2 - MJs e os eixos 1 e 2 da heterogeneidade da escrita do 1º ao 5º ano do EF.

A predominância dos MJs associados ao eixo 1, de acordo com o seu aumento ao longo dos anos, indicia que a relação entre oralidade e letramento torna-se mais expressiva apesar¹⁴ do tempo de exposição dos escreventes ao ensino formal. Essa análise, no entanto, complementa-se com os resultados da relação entre os MJs e o eixo 2, que, embora menos expressivos, também indiciam um crescimento quantitativo no período. Assim, os *rastos* da circulação dos escreventes pelo que imaginam ser o código

¹⁴ O uso de “apesar” aqui deve ser lido como *rastro* de uma arena dialógica, de modo a manifestar o embate crítico com a(s) perspectiva(s) que lança(m) um olhar tradicional para os dados de aquisição da escrita, pautado na fundamentação teórica que estaria propensa a buscar, nesses dados, o desenvolvimento do sujeito em relação ao objeto escrita, o que, por sua vez, estaria atrelado a um aumento dos indícios de circulação do sujeito pelo eixo 2 inversamente proporcional aos indícios de sua circulação pelo eixo 1, se tomado, de forma equivocada, como aquele que se relaciona com a “interferência” da fala na escrita.

escrito institucionalizado também se tornam mais expressivos ao longo dos anos. Essa imagem encontra-se, portanto, com aquela da gênese da escrita, o que aponta, a partir dos espaços de junção, para a sua heterogeneidade.

Os resultados da Etapa (3), referentes às relações entre MJs e a aquisição da TD argumentativa, são apresentados a partir do Gráfico 3, que mostra as TDs por que os sujeitos circulam para a constituição da argumentação: *expositiva* (41/29%), *injuntiva* (37/26%), *explicativa* (23/16%), *narrativa* (19/13%) e *listagem* (15/10%), e do Gráfico 4, que mostra a frequência das TDs constitutivas da argumentação, do 1º ao 5º ano:

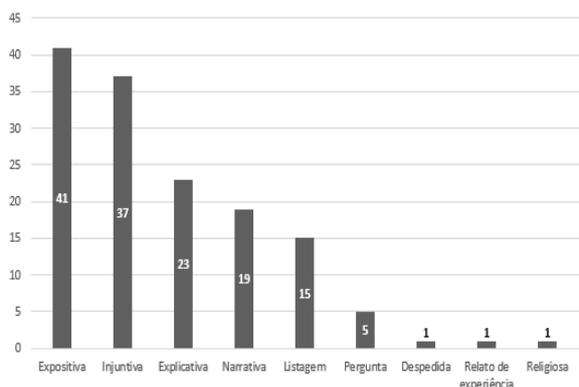


Gráfico 3 - Frequência *token* das TDs constitutivas da argumentação, produzidas por sujeitos do 1º ao 5º ano do EF.

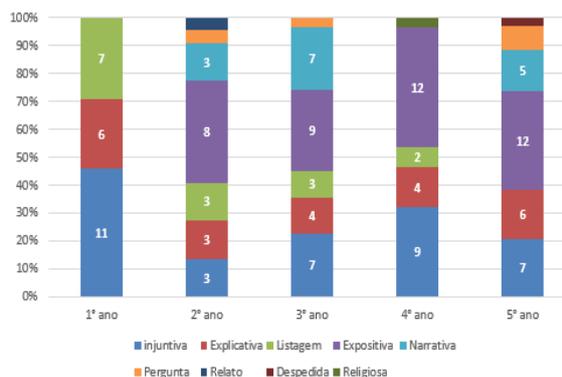
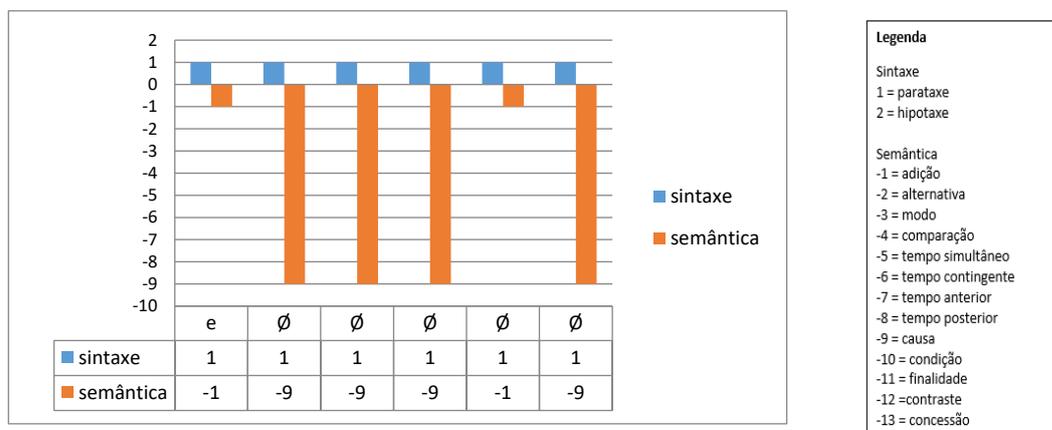


Gráfico 4 - Frequência *type* de TDs constitutivas da argumentação, produzidas por sujeitos do 1º ao 5º ano do EF.

O Gráfico 4 mostra que os escreventes circulam pelas mesmas TDs ao longo dos anos, com uma ampliação desse espaço de circulação, a partir do 2º ano, e, por consequência, também dos MJs que inserem e articulam, sintagmática e paradigmaticamente, essas TDs na constituição dos textos. A exceção é a TD *listagem*, que, observada nos textos do 1º ano, apresenta uma redução gradativa até o seu desaparecimento, no 5º ano. Ao contrário, a TD *expositiva* não é constatada nos textos do 1º ano, mas apresenta uma frequência gradativamente crescente até o 4º e 5º ano. A esses dados, acrescento a presença das TDs *injuntiva* e *explicativa* em todo o percurso, caracterizando, assim, desde o 1º ano, a dialogia com o universo argumentativo.

Para ilustrar os resultados da relação entre TDs e MJs, na aquisição da TD argumentativa, apresento os Juntogramas 1 e 2:



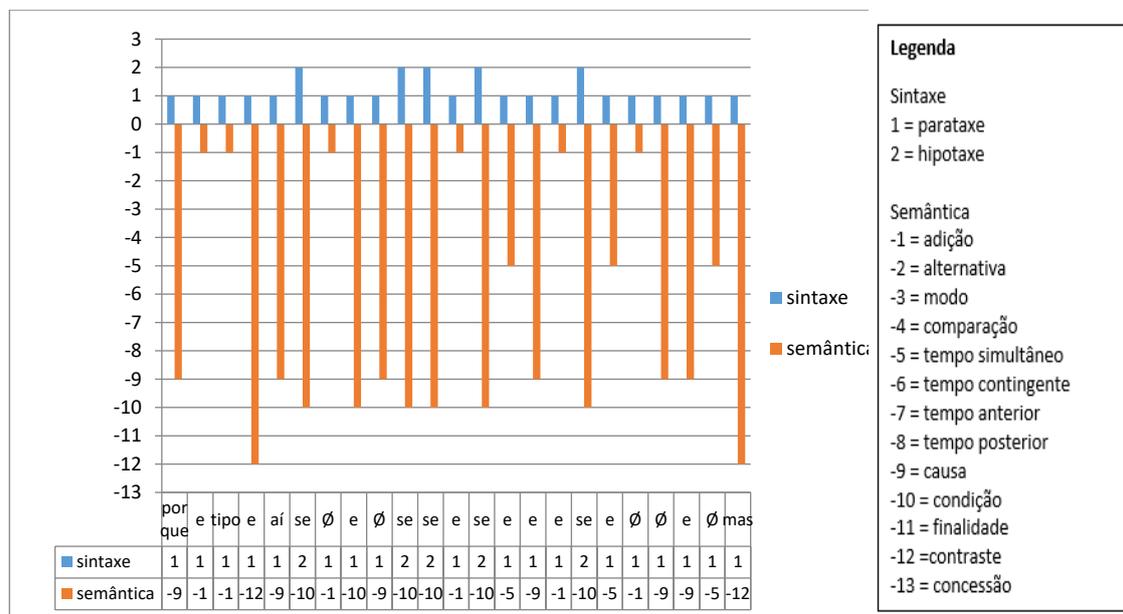
Juntograma 1: MJs e TDs em texto do 1º ano EF.

AMAR O AMIGO E A AMIGA Ø | TODOMUNDO TEN QUEISEN AMIGOS Ø | AMISADE É MUITO EMPORTANTE Ø | TEN QUE AMAR O AMIGO MUITO Ø | MINHAS A AMIGAS YASMIN MARIANA Ø | RSPEITA O AMIGO O MUITO [E1/A1/P1]

O Juntograma 1 mostra, no eixo superior, junções no esquema paratático (1) e, no inferior, os usos de *e* e *justaposição*, atuando na sequenciação textual, a partir dos sentidos de *adição* (-1) e *causa* (-9), em espaços de junção que caracterizam as mesclas entre as TDs *injuntiva* e *explicativa*, na composicionalidade da argumentação.

O enunciado que inaugura o texto “*amar o amigo e a amiga*”, de natureza injuntiva, é explicado pelo enunciado “*todo mundo tem que ser amigos [porque] a amizade é muito importante*”, ou seja, a injunção é seguida por um encadeamento de dois enunciados explicativos, a partir de duas *justaposições* que, nos espaços que ocupam, permitem a emergência do sentido causal (“*amar o amigo e a amiga, [uma vez que/já que/porque] todo mundo tem que ser amigos [porque] a amizade é muito importante*”). Na sequência, outro enunciado injuntivo “*tem que amar o amigo muito*” é inserido, por *justaposição*, no mesmo esquema causal, agora com acepção conclusiva (“*[...] a amizade é muito importante [portanto] tem que amar o amigo muito*”) e é seguido pelo enunciado “*minhas a amigas Yasmin Mariana*” que configura uma ilustração de amigos do escrevente, adicionada por *justaposição*, em espaço de junção que permite a recuperação do sentido de adição. O último espaço juntivo, no texto, é preenchido por mais uma *justaposição*, que permite a emergência de sentido conclusivo, de acordo com o esquema causal, em que se insere o último enunciado injuntivo: “[Portanto] *respeita o amigo muito*”. O sentido se instala, nesse espaço de junção, em relação ao que foi escrito anteriormente, no movimento conclusivo.

De acordo com essa demonstração, as mesclas entre as TDs *injuntiva* e *explicativa*, na construção desses esquemas, caracterizam a argumentação, nesse texto. A circulação do sujeito pelo terceiro eixo se deixa notar e, com ela, a forma como começa a circular pela argumentação no modo de enunciação escrito.



Juntograma 2: MJs e TDs em texto do 3º ano

A VIOLÊNCIA É MUITO FEIO **PORQUE** VOCÊ, | PODE MACHUCAR E MATAR **TIPO** VOCÊ BATE NO | AMIGO E VOCÊ DEPOIS VOCÊ FALA QUE NÃO FOI VOCÊ | **AI** QUEM LEVA A BRONCA É O OUTRO AMIGO. || **SE** VOCÊ FALAR QUE VAI BATER NO AMIGO | ISSO É UM TIPO DE VIOLÊNCIA, Ø VOCÊ VAI PEGAR O | PAU **E** VAI BATER NOS AMIGOS Ø OUTRO

TIPO DE | VIOLÊNCIA SE VOCÊ BATER NO CACHORRO VOCÊ PODE | MACHUCAR O CACHORRO SE VOCÊ FALAR QUE VOCÊ | VAI EMPURRAR O AMIGO DE ALGUM BRINQUEDO | VOCÊ PODE DEIXAR ELA TRISTE E FERIDA SE | VOCÊ ESTIVER BRINCANDO DE PEGA-PEGA E UM | AMIGO TE EMPURRA VOCÊ SE MACHUCA E O SEU | AMIGO PODE TE MACHUCAR MUITO. || E SE VOCÊ ESTIVER CANSADO E O SEU | AMIGO TE EMPURRA VOCÊ MACHUCA Ø | EU JÁ CAI Ø UM MENINO ME EMPURROU | E EU MACHUQUEI MUITO Ø EU ESTAVA NA CRE- | CHE MAS A MINHA PROFESSORA FEZ UM CURATIVO [E3/A3/P3]

O Juntograma 2 mostra um aumento de MJs em relação ao Juntograma 1. No eixo superior, predomina a P (1) e um número significativo de H (2), mantendo a tendência inaugurada no 2º ano. Esse aumento de H associa-se ao sentido de *condição*, conforme será demonstrado na sequência, a partir do Juntograma 2. No eixo inferior, há uma ampliação de tipos de MJs – *porque*, *tipo*, *aí*, *se* e *mas*, além de *e* e *justaposição* – e, conseqüentemente, de relações de sentido (*adição* (-1), *tempo simultâneo* (-5), *causa* (-9), *condição* (-10) e *contraste* (-12)), com nuances distintas de abstração.

O enunciado que inaugura o texto “A *violência é muito feio porque você pode machucar e matar*”, caracteriza-se como uma tradição expositiva, em que se expõe uma asserção “A *violência é muito feio*” e, em seguida, um adendo explicativo, com o uso de *porque*, no esquema causal paratático, ao qual se segue a adição de informações por meio do juntor *e*.

O texto é desenvolvido, na sequência, com a adição de um longo trecho, introduzido pelo MJ *tipo* (“*tipo você bate no amigo e você depois você fala que não foi você [...] e o seu amigo te empurra você machuca*”). Esse juntor (cf. análise em (4), neste trabalho) atua no esquema de elaboração, de acordo com a proposta de Halliday (1985), inserindo enunciados que atendem a uma exemplificação, caracterizada, aqui, como constitutiva da tradição explicativa. Nesse enunciado, o sentido de *contraste* emerge, a partir da acepção mais concreta de *adição*, no espaço de junção ocupado por *e* (*você bate no amigo, e [mas] você depois você fala que não foi você*), permitindo a caracterização de um *rastro* que indicia a movimentação do sujeito, no processo de textualização, a partir de um trânsito semântico que se estende de uma acepção mais concreta em direção a uma mais abstrata (*adição* > *contraste*). Movimento de mesma natureza pode ser constatado no uso de *aí* que, no espaço que ocupa, permite a emergência do sentido causal, subsidiado pela noção, mais concreta, de tempo ([...] *você bate no amigo e você depois você fala que não foi você aí* [depois disso/por causa disso] *quem leva a bronca é o outro amigo*.), num trânsito do tipo *tempo* > *causa*.

Ainda nesse trecho da TD explicativa, a partir do uso de *se*, em esquema condicional hipotático, caracteriza-se o que costumo chamar de mescla de TDs, em que a repetição de uma estrutura distingue, formalmente, a tradição listagem e o seu conteúdo distingue, semanticamente, a tradição explicativa. Trata-se, assim, de uma forma de construir a explicação. Nessa direção, o trecho “*se você falar que vai bater no amigo isso é um tipo de violência, Ø você vai pegar o pau e vai bater nos amigos Ø outro tipo de violência [...]*” caracteriza o primeiro segmento da listagem, inaugurado pelo sentido condicional, explicitado pelo juntor *se*. Na continuidade, o enunciado seguinte é adicionado a partir da justaposição. Trata-se, nesse caso, exclusivamente da *adição* de enunciado que faz o texto progredir, desenvolvendo o tópico em questão. Em seguida, o uso de *e*, no espaço que ocupa, permite a emergência do sentido *condicional*, agora num esquema paratático, pouco convencional, mas que se materializa na extensão de um sentido, já explícito pelo uso inicial de *se* e *que*, aqui, mostra-se como outra condição ou hipótese ([*se*] *você pegar o pau e bater nos amigos*) associada à conclusão que é introduzida a partir da justaposição, em espaço de junção que faz emergir o sentido causal ([portanto] *outro tipo de violência*).

O segundo segmento da listagem também é constituído por um enunciado introduzido por *se* numa construção hipotática prototípica, com sentido condicional (“*se você bater no cachorro você pode machucar o cachorro*”). O terceiro segmento é novamente inaugurado por *se*, numa estrutura condicional prototípica, que, por sua vez, apresenta, na matriz, uma junção aditiva explicitada por *e* (“*se você falar que você vai empurrar o amigo de algum brinquedo você pode deixar ela triste e ferida*”).

No quarto segmento da listagem, “*se você estiver brincando de pega-pega e um amigo te empurra você machuca e o seu amigo pode te machucar muito.*”, mantém-se a natureza condicional da construção, numa estrutura em que, à hipotática, é acrescentado um enunciado, a partir de *e*, em espaço que permite a emergência do sentido de tempo simultâneo (*se você estiver brincando de pega-pega e [neste momento] um amigo te empurra você machuca [...]*), de acordo com o trânsito *adição > tempo simultâneo*. Em seguida, a conclusão “*e [portanto] seu amigo pode te machucar muito*” é introduzida a partir do uso de *e* em espaço de junção que habilita a emergência do sentido causal, por meio do trânsito semântico *adição > causa*.

O último segmento da listagem, “*e se você estiver cansado e o seu amigo te empurra você machuca.*” é introduzido por *e*, com sentido de adição, caracterizando uma listagem do tipo fechada. A natureza condicional do último segmento é mantida, novamente, pelo uso de *se*, em estrutura hipotática, à que é acrescentado um enunciado, por meio do juntor *e*, com sentido mais concreto de adição, a partir do qual se habilita, no espaço de junção em questão, o sentido de tempo simultâneo (*se você estiver cansado e [neste momento] o seu amigo te empurra você machuca*), mais uma vez de acordo com o trânsito *adição > tempo simultâneo*.

Como procurei demonstrar, a estrutura da TD listagem, que compõe a maior parte da TD explicativa, obedece a um paralelismo sintático, que integra orações *condicionais* iniciadas por *se*, em esquemas hipotáticos, com a possibilidade de expansão por enunciados *aditivos* ou *temporais*, introduzidos por *justaposição* ou *e*, e de encerramento por enunciados *causais*, introduzidos por *justaposição* ou *e*.

O trecho final do texto mantém sua natureza de exemplificação, na tradição explicativa, mas, neste ponto, em mescla com a tradição narrativa, como se vê: “*Ø eu já cai Ø um menino me empurrou e eu machuquei muito Ø eu estava na creche mas a minha professora fez um curativo.*” O sujeito narra um episódio que aconteceu com ele e que pode, na linha do que vinha apresentando em seu texto, servir para exemplificar sua afirmação inicial, atuando, assim, na construção de sua explicação. A junção desse trecho final é realizada por meio da justaposição aditiva, caracterizando o movimento de inserção de informação nova, que faz o texto progredir, encaminhando-o para seu encerramento. Na sequência, em “*eu já cai Ø um menino me empurrou*”, a justaposição insere o enunciado seguinte em espaço de junção que permite a emergência do sentido causal (*eu já cai [porque] um menino me empurrou*). A continuidade da narrativa apresenta um enunciado introduzido pelo juntor *e* que, a partir de sua acepção mais concreta de adição, relacionada à inserção propriamente dita de informação nova no texto, permite o trânsito com os sentidos de tempo posterior e causa: *um menino me empurrou e [depois disso/por causa disso] eu machuquei muito*. Essa relação intrínseca entre as acepções de tempo e causa é característica de espaços de junção que se habilitam em tradições do narrar, em que a sequencialidade dos fatos assume um papel na composição da contiguidade causa-efeito, como se vê no trecho em questão.

O enunciado seguinte é introduzido por meio de *justaposição*, em um espaço de junção que faz emergir o sentido de tempo simultâneo, ou seja, tudo o que foi narrado aconteceu “[quando/no momento em que] *eu estava na creche*”. Por fim, o juntor *mas* insere o enunciado que finaliza o texto, em espaço que corrobora sua acepção de contraste

(“*mas* minha professora fez um curativo.”), ancorada numa estabilidade da situação final apesar da desestabilidade do acontecimento narrado.

A partir do Juntograma 2, a análise deixa ver a circulação do sujeito pelo terceiro eixo por meio das mesclas entre as TDs expositiva, explicativa, listagem e narrativa. A forma de constituição desse texto, de acordo com a natureza das mesclas, das junções e dos trânsitos semânticos identificados, a partir dos *rastros* mostrados pelos/nos MJs, em espaços de junção ao mesmo tempo específicos e gerais, indiciam a maneira por que o sujeito circula pela argumentação, neste momento da aquisição dessa tradição – identificado em textos do 3º ano do EF –, no modo escrito de enunciação.

5. CONCLUSÕES

Para sistematizar os indícios de relações linguístico-discursivas, observados entre os MJs e a aquisição da TD argumentativa, na escrita, destaco:

(1) no que tange à descrição da funcionalidade dos MJs (Etapa (1)): (i) o funcionamento dos MJs, mesmo mediante a alta frequência de MJs paratáticos, comprova que os hipotáticos, a partir do 2º ano, já indicam a viabilidade da maior integração sintática na escrita infantil; (ii) as relações de sentido mais recorrentes são *adição*, *causa*, *condição* e *contraste*; (iii) o aumento gradativo da frequência *token* e *type* dos MJs pode ser comprovado no percurso do 1º ao 5º ano; e (iv) a movimentação subjacente às relações de sentido nos textos sustenta-se na direção do + concreto > + abstrato.

(2) no que tange à análise dos MJs enquanto marcas da relação oral/letrado e falado/escrito (Etapa (2)): os resultados mostram que os sujeitos circulam por (suas) imagens de escrita e deixam *rastros* da identificação da escrita como representação direta da fala e de um alçamento da escrita a partir de modelos institucionalizados, caracterizando, assim, o que se definiu como escrita constitutivamente heterogênea.

(3) no que tange à discussão sobre as possíveis relações entre MJs e aquisição da TD argumentativa na escrita (Etapa (3)): os resultados referentes à identificação e descrição das TDs que atuam na composicionalidade da TD argumentação mostram que as TDs *expositiva*, *explicativa*, *listagem* e *narrativa* podem ser tomadas como indícios da aquisição da tradição argumentativa.

Os indícios de relações linguístico-discursivas entre os MJs e a aquisição da TD argumentativa, no modo escrito de enunciação, levam à conclusão de que a movimentação está na base da constituição da escrita, da tradição de argumentar e da subjetivação. A transformação e a mudança operam-se, assim, no funcionamento simbólico da língua por meio da movimentação que atinge as formas táticas dessa língua, os sentidos que nela se constituem, e que se relaciona a esses dois aspectos, concomitantemente. Destarte, a suspensão da transparência é a estratégia que viabiliza a observação desse movimento e de indícios de uma escrita que não é primitiva, pobre e/ou repleta de erros, por se tratar de uma escrita que confronta o outro/letrado com sentidos outros, possíveis, além daqueles convencionalmente esperados e mostrados, na superfície do texto, por vias gramaticais também convencionais.

A suspensão da transparência, operada por meio de uma forma de olhar para os MJs, tomando-os como *rastros* que indiciam, no interior do texto, o seu processo de textualização, permite que se veja que as relações de sentido mais abstratas se constroem, prioritariamente, por meio de MJs mais prototípicos para essas relações, ou por meio de MJs mais prototípicos do modo de enunciação falado, em práticas orais, independentemente de estar em uso a base semiótica escrita. Assim, os fragmentos de escrita encadeiam-se de forma intrinsecamente associada às práticas discursivas orais e

aos argumentos do outro, ressignificando-se e dando-se a perceber por meio de trânsitos semânticos em arranjos táticos distintos, não exclusivos de uma ou outra arquitetura.

Portanto, a junção integra-se à língua, porque é tomada como procedimento formal, mas integra-se também ao texto, porque obedece, nele, a configurações que dependem do espaço em que [a junção] é praticada. Esse espaço configura-se, por sua vez, numa intrincada rede que recupera o tradicional e o atual e, por essa via, está submetida a restrições históricas e discursivas. Nesses espaços, em que a dimensão sintática permite observar as junções como memória de realizações já feitas, os *rastros* indiciam que as marcas de circulação do sujeito pelo modo de enunciação falado estão mais mostradas ou menos apagadas em relação ao modo de enunciação escrito, e, ao mesmo tempo, que os trânsitos semânticos do “concreto > abstrato”, habilitados por esses MJs, garantem os sentidos característicos do argumentar e permitem que observemos um movimento – ainda que opaco – constitutivo desse espaço, que é o da escrita ainda em aquisição, em uma tradição (de argumentar) também em aquisição.

REFERÊNCIAS

- CAPRISTANO, C. C.; OLIVEIRA. Escrita infantil: a circulação da criança por representação sobre gêneros discursivos. *Alfa*, SP, v.58, n.2, p. 347-370, 2014.
- CORRÊA, M. L. G. Pressupostos teóricos para o ensino da escrita: entre a adequação e o acontecimento. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n.9, p.201-211, 2007.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. SP: Martins Fontes, 2004.
- COSERIU, E. Creatividad y técnica lingüística. Los tres niveles del lenguaje. In: ____ *Lecciones de lingüística general*. Madrid: Gredos, 1981. p.269-286.
- CHACON, L. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, 2021.
- DUCROT, O. Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In Guimaraes, E. (Org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes. Trad. de E. Guimaraes, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In. ____ *An introduction to Functional Grammar*. New York: Arnold; 1985.
- KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis XXIX*. 2005.
- KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter; 1997.
- LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita. Algumas questões. In: Rojo R. (Org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras; 1998.
- LOPES-DAMASIO, L. R. Junção e tradição discursiva na escrita infantil. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 14, n. 29, p. 136-156, 2020.
- LOPES-DAMASIO, L. R. A justaposição oracional em dados de aquisição da escrita. *Revista Todas as Letras*, v. 21, n.2, p. 88-104, 2019.
- RAIBLE, W. Linking clauses. In: HASPELMATH, M. et al. (Ed). *Language typology and language universals: an international handbook*. Berlin: Walter de Gruyter; 2001. p. 590-617.

Recebido: 1/6/2021

Aceito: 25/2/2022

Publicado: 4/3/2022